

mentos trazidos por todos os membros da família. Não existe, por parte dos meninos de rua e de suas famílias a percepção de como a exclusão sócio-econômica de que são vítimas é determinante. Por isto, justificam sua situação de extrema carência por fatores de índole pessoal como relaxamento, falta de competência, vícios, etc. Embora ocorra a desagregação das famílias, não se pode dizer que este comportamento seja característico das camadas marginalizadas, nem tampouco determinante da delinqüência. Faz parte da estigmatização de que é vítima o pobre, a idéia de que suas famílias são sempre desagregadas. A pesquisa constatou que é grande a freqüência de famílias organizadas.

A eterna experiência da insegurança, vivenciada pelos meninos de rua nos confrontos com a polícia e com os concorrentes, faz com que muitos deles se identifiquem com o aparato repressor e, deste modo, as carreiras militares e policiais aparecem como solução ideal, porque garantem a sobrevivência num esquema de vida que lhes é perceptível. A escola oferece a essas crianças um discurso que nada tem a ver com o dia-a-dia e as cartilhas de alfabetização trazem propostas ingênuas para esses meninos "amadurecidos". Seus projetos de vida são sempre imediatos. Eles não usufruem de um universo valor ativo opcional que lhes permita elaborar projetos para o futuro, uma vez que estão sempre comprometidos e marcados pela posição social que são obrigados a assumir desde o nascimento. É que seu gênero de vida determina comportamentos que tendem a evitar horizontes muito longínquos. O livro também faz a análise de algumas histórias de vida, indicando modo de viver, trajetórias, múltiplos relacionamentos e famílias.

O CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), órgão realizador da pesquisa, constitui-se de um grupo de pesquisadores de São Paulo associados no esforço comum de ampliar o conhecimento sobre as classes populares no País. Com a coordenação de Rosa Maria Fischer Ferreira, esta pesquisa, além de oferecer valioso material sobre a forma de vida desses meninos, imprime também um posicionamento de ação diante desta grave realidade da sociedade brasileira.

LAMPHERE, Louise & ROSALDO, Milchelle Zimbalist (orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Trad. de Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1979, 254 p.

Sebastião Vile Nova *

Apesar de sua ostensiva e, por isto mesmo, suspeita assepsia moral, as Ciências Sociais jamais se limitaram ao ideal da condição de puro conhecimento

* Diretor do Depto. de Sociologia do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco

lógico-racional e empiricamente fundamentado na realidade social. Além de uma das mais significativas formas de consciência social, precisamente pela maior adequação cognitiva à realidade que os critérios do método científico permitem, a Ciência Social tem sido, desde o século passado, uma generosa fonte de mitos e de utopias. Resultante, em grande parte, de um tipo de consciência social ou, mais precisamente, da consciência de uma ordem social injusta — a da sociedade urbano-industrial emergente na Europa oitocentista —, a Ciência Social já nasceu mesclada com mitos e utopias. É compreensível, inevitável e benéfico que o desconforto e a tensão social produzam utopias; que a necessidade de pensar alternativas de organização para as relações sociais esteja na razão direta do agravamento das contradições da sociedade.

Se, de um lado, a Sociologia, nascendo da crise social conseqüente à passagem da ordem social estamental para a forma capitalista industrial de organização da sociedade européia, através da ponte do capitalismo mercantil, deu origem a projetos utópicos, como os de, entre outros, Comte, Marx e Spencer, a Etnologia, resultando da perplexidade e do deslumbramento do europeu em relação à diversidade de formas reais de organização social, constatadas entre os povos pré-letrados, muito contribuiu para estimular a imaginação de cientistas e pensadores sociais para a formulação de projetos alternativos de organização da sociedade. E também para a elaboração de mitos legitimadores, tanto da mudança quanto da conservação do *statu quo*.

Movido ou não pela necessidade de legitimar uma ordem patriarcal, foi em fontes supostamente etnográficas e arqueológicas que Bachofen foi buscar as peças do seu conhecido mito de um matriarcado primitivo, defendido, em 1861, no célebre *Das Mutterrecht*.

Se, obviamente, não se pode esperar dos movimentos feministas de hoje a ingenuidade de buscar suas racionalizações no mito elaborado por Bachofen, não é de espantar que o método antropológico continue servindo de instrumento para a compreensão científica da situação da mulher na sociedade. Tentando superar as presumíveis distorções de uma ciência social incriminada de masculina, duas antropólogas norte-americanas, Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere, resolveram coordenar o que elas entendem como "a primeira tentativa de produzir a integração de um interesse na mulher dentro de uma teoria geral da cultura e da sociedade" (p. 14). Constatando que "a falta de interesse na mulher, na Antropologia convencional, constitui uma deficiência verdadeira que levou a teorias distorcidas e relatos etnográficos empobrecidos", (p. 14) reuniram sete feministas, para examinar, sob os critérios da Antropologia, com suas inevitáveis intersecções com a Psicologia e a Psicanálise, numa perspectiva transcultural, a problemática da mulher na história e na sociedade e, inevitavelmente, a via-

bilidade do projeto de uma sociedade na qual a diferenciação dos papéis sexuais não corresponda à dominação masculina.

São, ao todo, nove artigos, abrangendo desde questões teóricas de socialização típica do homem e da mulher como explicação psicanalítica da dominação social masculina (Nancy Chodorow: "Estrutura familiar e personalidade feminina"), até relatos etnográficos (Bette S. Denich: "Sexo e poder nos Bálcãs"; Joan Bamberger: "O mito do matriarcado: por que os homens dominam as sociedades primitivas?"; Margery Wolf: "Mulheres Chinesas: antigos costumes em novo contexto" e Carol Stack "O comportamento sexual e estratégias de sobrevivência numa comunidade negra urbana"), passando por revisões críticas da literatura e especulações mais ousadas sobre a condição social da mulher (Sherry B. Ortner: "está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?").

Se são louváveis o rigor etnológico e a atitude nada fantasiosa das Autoras, é lamentável o medo acadêmico de alguma dose de imaginação utópica, no saudável sentido marcusiano, sem a qual esbarram sempre nos limites do empirismo de uma concepção de ciência já algo discutível. Do mesmo modo que já não é possível voltar a fantasias pseudo-etnográficas ou arqueológicas e a demonstrações históricas *ad hoc* nos moldes do mito de Bachofen, não é produtivo a discussão de um projeto tão ousado, porque jamais realizado na história, dentro dos limites da pura constatação factual da ciência ortodoxa. Como, ao que indicam todas as evidências, a dominação masculina institucionalizada é um fato universal — e é esta a questão básica a ser enfrentada —, o projeto de uma sociedade onde essa dominação seja abolida é uma utopia, no sentido puro da expressão. E não basta a lógica científica para dissecar e/ou projetar utopias. A etnologia, nesse caso, é necessária mas não suficiente. Sem a coragem de extrapolar de uma Antropologia Cultural para as possibilidades de síntese da Antropologia Filosófica, pouco resta além do medo da fatalidade da dominação masculina ratificada pelo empirismo científico. No que diz respeito à origem da dominação masculina, pondo à margem a exploração psicanalítica de Chodorow, nenhuma das autoras acrescenta algo de novo às surradas especulações oitocentistas, no livro repetidas *ad nauseam*.

Pela inevitável e melancólica constatação científica da universalidade (o que não significa *necessidade*) da dominação masculina, resultante do elogiável rigor etnológico, trata-se de livro inteiramente desaconselhável a quem carregue a mais pálida simpatia feminista. Tudo faz crer que nem a história nem a etnografia podem dar subsídios a um projeto feminista. A não ser a *la diable*.

E resta o problema fundamental desse projeto: mito ou utopia?